

## **Biografismo: Narrativas da Realidade no Podcast “Praia dos Ossos”<sup>1</sup>**

Amanda Costa e SILVA <sup>2</sup>  
Rogério Pereira BORGES <sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

O objeto de pesquisa é a narrativa de vida. O intuito é entender os processos técnicos sobre o ato de perfilar, biografar e o uso das novas narrativas da realidade. À priori a pesquisa bibliográfica com as obras de Sérgio Vilas Boas serviu de base para análise do *podcast* “Praia dos Ossos”. Produto jornalístico, que busca dar voz a Ângela Diniz, que literalmente foi calada com quatro tiros, em 1976. Com o andamento da pesquisa outros importantes autores como Edvaldo Pereira Lima, Luiz Artur Ferraretto, Luiz Gonzaga Motta e Tzvetan Todorov vão ser utilizados para a análise narrativa de *podcast*'s. O resultado esperado é apresentar o biografismo, como uma estratégia criativa aos novos produtos comunicacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Jornalismo literário; Narrativas da realidade; Comunicação; *Podcast*.

### **INTRODUÇÃO**

Por meio da disciplina: “Narrativas da Realidade: Vontade de Verdade, Ficção e Desinformação”, cursada pela autora como aluna especial no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e ministrada pelo coautor, foi possível realizar análises e observações sobre a cobertura midiática na atualidade.

A leitura proposta do livro “Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida”, de Sergio Vilas Boas (2008), fez surgir o desejo de adentrar nas discussões sobre perfis e biografias. A obra traz por problemática: por que se pode escrever um perfil sobre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, email: [costaamanda7@gmail.com](mailto:costaamanda7@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás; Professor-adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, email: [rogerio.rogerioborges@gmail.com](mailto:rogerio.rogerioborges@gmail.com)

qualquer persona e biografia não? O questionamento faz parte do histórico das produções voltadas para histórias de vida, que associam perfil aos jornais impressos e biografias aos livros publicados por editoras literárias. Neste artigo, vamos buscar projetar esse modo de fazer jornalismo em um produto relativamente recente, o *podcast*, tendo como objeto de análise: “Praia dos Ossos”.

## **JORNALISMO LITERÁRIO**

Ao narrar uma história é preciso ter estratégias para “fisgar” o leitor, ouvinte ou telespectador. É preciso ter ainda postura ética e compromissos com os fatos e com a clareza da informação. A superficialidade do que é noticiado traz à tona discussões sobre adequação de detalhes e informações. Isso propicia espaço para o uso do Jornalismo Literário (JL), que foge das fórmulas rígidas de estruturação jornalística.

Segundo Vilas Boas (2003), os aspectos técnicos, tais como descrições minuciosas, bastidores da matéria, impressões pessoais do autor sobre o personagem, uso da primeira pessoa e a reconstituição de época, são relevantes para a construção da narrativa jornalística da realidade mais próxima da literatura. O uso dessa corrente de jornalismo “despreza o compromisso com o ‘gancho’, esse jargão jornalístico que tão fortemente determina a vida e a morte dos temas que merecem cobertura na imprensa” (VILAS BOAS, 2008, p. 16).

Os programas radiofônicos, os *podcasts* utilizam da sonoridade para descrever pessoas, lugares e situações. Sons somatizados com a palavra falada têm elevado o nível da qualidade das narrativas da realidade. Dimas Künsch diz que o JL cresceu a partir das narrativas de guerra (2004, p. 14) e que compreende uma reconstrução do real. Por exemplo, uma reportagem que valoriza os ruídos de ambientes traz outra característica forte do JL, que é o uso de figuras de linguagem.

## **BIOGRAFISMO**

A biografia “é a vida de uma pessoa (acima de tudo) narrada com arte por outra pessoa [...] a biografia é um desacato!” (VILAS BOAS, 2008, p. 23). O fazer biográfico estabelece desde o processo de levantamento de dados e pesquisa, até o ato de interpretar. Dentro da corrente do JL, ao pesquisar uma história de vida, isso precisa ser feito sob o prisma humanista, pois somente assim vai resultar em transformação

conceitual para quem escreve e acessa o produto: livro, série, *podcast* ou outro produto jornalístico.

A historiografia é uma das fontes indispensáveis para compreender o fazer biográfico. Vilas Boas (2002) ressalta sobre contemplar a pesquisa, documentação, interpretação e recursos narrativos. Para o autor, não se faz história oral, jornalismo literário ou livro-reportagem por telefone ou outro meio que anule a relação direta. A forma como a história é contada, as expressões faciais de quem a relata, seu tom de voz, como o entrevistado se comporta são itens ricos para serem observados pelo repórter durante a entrevista.

Outro aspecto desse levantamento biográfico sobre narrativas de pessoas é que o objeto biográfico não existe em si. Ele existe depois que alguém lhe dá significado. Segundo Vilas Boas (2002, p. 75), a escolha do personagem envolve razões concretas, *insights*, associações livres, oportunidades, sincronicidades, sutilezas. Portanto, o biógrafo precisa estar atento a isso, para compreender que tais sutilezas podem estar numa biografia – de modo implícito ou explícito.

### **PODCAST: UM NOVO FORMATO PARA AS NARRATIVAS**

Historicamente, o rádio foi marcado pelo dinamismo, velocidade de produção e interatividade com os ouvintes. Só que antes da introdução dos computadores nas redações, o jornalista precisava cronometrar o tempo de fala e ainda enumerava linhas e laudas. No entanto, tal limitação não existe no *podcast*.

O *podcast* teve início no Brasil, em 2004, com o programa *Digital Minds* de Danilo Medeiros. Em dezembro do mesmo ano, surgiram dois outros *podcasts*, *Perhappiness* e o Código livre, de Rodrigo Stulzer e Ricardo Macari (LUIZ, 2014, p. 12.). Em 2006, o formato mudou com a chegada do *Nerdcast*. Nele já havia edição e mixagem dos programas que utilizava linguagem informal, abordando diversos temas.

Para Luiz (2014), o *podcast* “agüça a curiosidade dos ouvintes sobre o regionalismo, sobre o que tem de diferente naquela região. Talvez seja pela relação de amizade e identificação que se cria com o *podcaster*, o que torna mais aceitável que a pessoa fale diferente” (p. 26). As temáticas vêm desde os tradicionais e conhecidos assuntos sobre notícias do momento, discussões sobre esportes, cinema, arte, ciência, ficções, comédia e crimes reais.

## ANÁLISE DO *PODCAST* “PRAIA DOS OSSOS”

“Numa noite de 1976, a Ângela Diniz terminou com o namorado e ele foi embora. Se a história terminasse aqui, nem teria história. Mas, Doca Street voltou pra casa, na Praia dos Ossos (...)”. Assim começa o trailer do *podcast* Praia dos Ossos. Primeira minissérie jornalística original da Rádio Novelo, realizada em 2019.

A narrativa é apresentada em oito episódios, lançados em 2020. Além desses, mais outros três episódios bônus foram divulgados em 2021. O *podcast* se propõe a entender os motivos, consequências e desdobramentos político-sociais do assassinato de Ângela Diniz, por Doca Street.

No primeiro episódio, já é possível perceber uma narrativa diferenciada no relato do crime: “o biquíni estampado de pantera – se fosse ficção íamos achar que era exagero do roteirista”, informa o *podcast* sobre como foi feita a descrição do cadáver nos autos do processo. O julgamento, descrito no segundo episódio, detalha as 24h de um escrutínio moral da vida de uma mulher desquitada, que se permitiu viver a liberdade sexual por meio de outros relacionamentos. Foi justamente a separação, os casos amorosos da “Pantera de Minas”, que embasaram a defesa do advogado criminalista Evandro Lins e Silva. Ele utilizou a tese do “excesso culposo de legítima defesa da honra”. O júri aceitou o argumento e decidiu por uma pena de dois anos de prisão. Doca foi novamente julgado em 1981, e condenado a quinze anos.

“A Pantera”, quinto episódio, narra como Ângela passou a ser conhecida por meio das colunas sociais. O perfil dela foi narrado neste e no quarto episódio “Ângela”. Além das descrições minuciosas, outro aspecto de destaque são os efeitos de sonoplastia, usados para demonstrar romance, suspense, medo, apreensão, alegria, entre outras sensações. Esta é uma estratégia narrativa familiar, por exemplo, nas radionovelas das décadas de 1930, 1940 e 1950 no rádio brasileiro. A vinheta de apresentação é componente principal da individualidade do *podcast*. As batidas secas marcadas nessa abertura trazem uma atmosfera de suspense e drama para a narrativa, fazendo com que o ouvinte acompanhe o ritmo e se envolva em tal clima de mistério.

Por fim, os bastidores das entrevistas, as sensações e percepções, o uso da primeira pessoa e outros efeitos como a de uma fita rebobinando, reforçam a sensação de veracidade e realismo do que está sendo contado. Todos esses aspectos marcam e

evidenciam a utilização das técnicas da literatura para narrar à vida de Ângela Diniz a partir do seu assassinato em forma de *podcast*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão e pesquisa foram os maiores destaques do processo de produção do produto analisado. O uso da primeira pessoa, descrições de cenários e personagens são técnicas próprias do JL e comprovadamente usais nos novos produtos comunicacionais, como os *podcasts*.

Voltar 40 anos para narrar o assassinato de Ângela Diniz foi motivado pelo fato dela ter sido uma celebridade tão recorrente nas revistas, nas grandes festas e nos holofotes da década de 1970. Neste caso, portanto, a biografada também foi escolhida em função de sua notoriedade e do crime de que foi vítima, reforçando que a maioria das narrativas biográficas disponíveis é sobre a vida de pessoas publicamente conhecidas.

Para além de “Praia dos Ossos”, entretanto, é preciso também refletir sobre os anônimos. Quantas mulheres são vítimas de feminicídio todos os dias no Brasil? Quantas continuarão anônimas e permanecerão caladas? O Jornalismo Literário, com suas possibilidades narrativas e já presente também em novas plataformas midiáticas, tem o potencial de dar visibilidade a essas pessoas.

## REFERÊNCIAS

KÜNSCH, D. A. **O eixo da incompreensão**: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LUIZ, L. et al. **Reflexões sobre o podcast**. Rio de Janeiro: Marsupial, 2014.

VILAS BOAS, S. **Biografia & biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, S. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

VILAS BOAS, S. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.